

Artigo Teórico-empírico

# Produção de Novidades e Conhecimento Contextual no Projeto RECA em Rondônia

## Novelties Production and Contextual Knowledge in the RECA Project in Rondônia



Verlaine Alves da Cunha Ribeiro\*<sup>1</sup>   
Dércio Bernardes-de-Souza <sup>1</sup>   
Maria Clarice Alves da Costa <sup>1</sup>   
Sabrina Sissy Carvalho Correa Alves <sup>1</sup> 

### RESUMO

**Objetivo:** este artigo tem como objetivo analisar como o conhecimento contextual contribui para a produção de novidade na Associação dos Pequenos Agrossilvicultores do Projeto de Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado e Cooperativa do Projeto RECA, no estado de Rondônia, Brasil. **Marco Teórico:** na execução da pesquisa, foram utilizadas abordagens teóricas alternativas, explorando um caminho teórico nas diversas categorias de conhecimento e modernização na agricultura e aproximando-as da teoria da produção de novidades. **Método:** com metodologia qualitativa, optou-se pelo estudo de caso, com a coleta de dados que envolveram agricultores familiares e gestores da cooperativa do Projeto RECA, utilizando entrevistas semiestruturadas e observação não participante. **Resultados:** os resultados evidenciaram que as principais novidades apareceram a partir do conhecimento contextual dos agricultores familiares, que, ao desviarem do caminho convencional, uniram-se, trocando experiências, e desenvolveram novas práticas de produção, utilizando espécies características da região. A cooperativa permitiu aos agricultores estabelecer novas parcerias; fazer novos processos e produtos; aumentar sua competitividade; acessar novos mercados; obter a certificação orgânica, que resultou na maior valorização do produto e em uma conscientização aprimorada por parte do agricultor em relação à contribuição ambiental; e elaborar biofertilizantes e composto orgânico a partir da reorganização dos recursos internos. **Conclusão:** o estudo contribui para a compreensão das dinâmicas locais, reforçando a importância da interação entre conhecimento local e científico. Identifica que a estrutura colaborativa da cooperativa não apenas favorece a troca de conhecimentos, mas também a adaptação às realidades locais, contribuindo com a discussão nessa área.

**Palavras-chave:** conhecimento contextual; Projeto RECA; cooperativa; Rondônia; Amazônia.

\* Autor Correspondente.

1. Universidade Federal de Rondônia, Programa de Pós Graduação em Administração, Porto Velho, RO, Brasil.

**Como citar:** Ribeiro, V. A. C., Bernardes-de-Souza, D., Costa, M. C. A., & Alves, S. S. C. C. (2024). Produção de novidades e conhecimento contextual no Projeto RECA em Rondônia. *Revista de Administração Contemporânea*, 28(6), e240192. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2024240192.por>

### ABSTRACT

**Objective:** this article aims to analyze how contextual knowledge contributes to the production of novelty in the Association of Small Agroforestry Farmers of the Consortium and Densified Economic Reforestation Project and the RECA Project Cooperative, in the state of Rondônia, Brazil. **Theoretical approach:** in carrying out the research, alternative theoretical approaches were used, exploring a theoretical path in the various categories of knowledge and modernization in agriculture, bringing them closer to the theory of the production of novelties. **Method:** using a qualitative methodology, we opted for a case study, with data collection involving family farmers and managers of the RECA project cooperative, using semi-structured interviews and non-participant observation. **Results:** the results showed that the main innovations came from the contextual knowledge of the family farmers who, by deviating from the conventional path, came together, exchanging experiences and developing new production practices using species characteristic of the region. The cooperative has enabled farmers to establish new partnerships; develop new processes and products; increase their competitiveness and access new markets; obtain organic certification, which has resulted in greater appreciation of the product and improved awareness on the part of the farmer with regard to environmental contributions; and produce biofertilizers and organic compost based on the reorganization of internal resources. **Conclusion:** the study contributes to understanding local dynamics, reinforcing the importance of interaction between local and scientific knowledge. It identifies that the cooperative's collaborative structure not only favors the exchange of knowledge but also adaptation to local realities, contributing to the discussion in this area.

**Keywords:** contextual knowledge; RECA Project; cooperative; Rondônia; Amazon.

Classificação JEL: M11, Q550

Editora-chefe: Paula Chimentin (Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPEAD, Brasil) 

Editores convidados: Mário Vasconcelos Sobrinho (Universidade Federal do Pará, Brasil) 

Marihué Paes-de-Souza (Universidade Federal de Rondônia, Brasil) 

Ana Maria de Albuquerque Vasconcelos (Universidade da Amazônia, Brasil) 

Irma Garcia-Serrano (Universidad Central Del Ecuador, Ecuador) 

Emílio F. Moran (Michigan State University, Estados Unidos; Universidade de Campinas, Brasil) 

**Pareceristas:** Os revisores não autorizaram a divulgação de suas identidades.

**Relatório de Revisão por Pares:** A disponibilização do Relatório de Revisão por Pares não foi autorizada pelos revisores.

Recebido: 15/07/2024

Última versão recebida em: 07/11/2024

Aceite em: 19/11/2024

Publicado em: 30/01/2025

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1ª rodada											

## INTRODUÇÃO

A agricultura familiar desempenha um papel crucial na produção de alimentos e na promoção da diversidade, refletindo as características locais e o conhecimento dos agricultores. Esse sistema alternativo de produção valoriza os recursos naturais e adota práticas que contribuem para a sustentabilidade, a restauração do solo e a produção de soluções locais por meio de novidades que permitem que esses agricultores se mantenham na atividade (Wiskerke & Ploeg, 2004; Araújo et al., 2023).

As tendências e movimentos emergentes em sistemas agrícolas alternativos enfatizam a sustentabilidade nas dimensões econômica, social e ambiental. Essas iniciativas, como a agricultura orgânica, priorizam práticas que respeitam a integridade ecológica e melhoram o bem-estar da comunidade. Agricultores orgânicos têm procurado maneiras alternativas para enfrentar as dificuldades e resolver seus problemas diários, desenvolvendo soluções locais que lhes permitem participar do mercado (Manfio & Pierozan, 2017). Na literatura, essa busca por soluções é interpretada por alguns autores como produção de novidades (Gazolla, 2020; Neske et al., 2014; Oostindie & Van Broekhuizen, 2008; Ploeg, 2004; Simões et al., 2020).

A história da agricultura é uma história de produção de novidades. As novidades resultam das interpretações, observações, avaliações e reorganizações que os agricultores familiares realizam em seu contexto, utilizando seu conhecimento local. Esse processo gera novas revelações, ações, produtos ou recombinações que, ao serem implementados, promovem transformações tanto sociais quanto naturais (Ploeg et al., 2004). Assim, as novidades podem ser entendidas como soluções criadas para enfrentar os desafios locais.

Nesse processo, o conhecimento contextual, que integra saberes locais com conhecimento científico e é moldado por fatores sociais, culturais e ambientais específicos de cada região, desempenha um papel fundamental na produção de novidades na agricultura. Esse conhecimento permite que os agricultores adaptem suas práticas de cultivo às características únicas de seu ambiente, promovendo soluções inovadoras que respeitam e utilizam os recursos disponíveis localmente (Coudel et al., 2023; Eshuis & Stuiver, 2005).

A questão das novidades ganha relevância quando se observa que a intensificação agrícola na Amazônia está associada a sérios desafios ambientais, incluindo o desmatamento e a degradação do solo. A pressão por aumento da produção tem contribuído para a exploração insustentável dos recursos naturais, comprometendo ecossistemas locais e serviços ambientais essenciais. À medida que as técnicas de produção se tornam cada vez mais dependentes de insumos e padrões homogêneos, práticas sustentáveis que historicamente se adaptaram às particularidades ambientais começam a ser negligenciadas (Mendonça & Luz, 2023; Rodrigues & Silva, 2019; Taraborelli et al., 2022).

A desvinculação entre práticas sustentáveis e conhecimento local resulta em uma significativa perda de biodiversidade, já que as técnicas modernas frequentemente priorizam a produção em detrimento da diversidade das culturas (Machado et al., 2021). Este estudo, por sua vez, analisa o desenvolvimento da agricultura a partir da perspectiva de um grupo organizado de agricultores orgânicos na Amazônia, especificamente na região de fronteira entre Rondônia, Amazonas, Acre e Bolívia. A pesquisa resgata e evidencia uma produção agrícola diferenciada e sustentável, interpretada através de uma abordagem teórica que destaca soluções locais que permitem a esses agricultores manterem-se ativos na atividade agrícola, por meio da produção de novidades.

Nestes termos, esta pesquisa responde: Diante do aumento acelerado da intensificação e especialização da produção agrícola, que tem levado à desconexão entre as práticas de cultivo e os ecossistemas locais, como os agricultores familiares desenvolvem e implementam soluções (novidades) levando em consideração o seu conhecimento contextual? Para responder ao problema, o estudo analisou como o conhecimento contextual contribui para a produção de novidades na agricultura orgânica na Associação dos Pequenos Agrossilvicultores do Projeto de Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado e Cooperativa do Projeto RECA, situada no município de Porto Velho, estado de Rondônia, Amazônia, Brasil.

A literatura sobre agricultura familiar no Brasil tem avançado, mas ainda existem lacunas significativas em relação às particularidades regionais e suas implicações para a produção de novidades, principalmente na região amazônica. Resultados da pesquisa de Souza et al. (2019) revelaram que há grandes diferenças regionais na utilização de tecnologias na agricultura familiar. As regiões Sul e Sudeste, especialmente São Paulo, apresentam os maiores índices de adoção de tecnologias, enquanto o Norte e o Nordeste enfrentam desafios significativos, com índices muito baixos. Além disso, agricultores familiares na Amazônia enfrentam uma série de desafios que limitam seu acesso a recursos, tecnologia e mercados, impactando sua capacidade de produção e inovação (Abreu & Watanabe, 2016; Vasconcelos et al., 2024).

Pesquisas sobre contextos locais específicos podem revelar como as diferenças culturais e ambientais influenciam mecanismos pelos quais o conhecimento e suas interações são mobilizados e transformados em novidades práticas que contribuem para a resiliência dos sistemas de produção agrícola familiar. Além disso, o estudo contribui para o avanço dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estimulando a melhoria da renda e a segurança alimentar das comunidades locais (ODS 1), a criação de empregos e oportunidades de renda (ODS 8) e o fomento de parcerias com as comunidades locais (ODS 17).

## Modernização agrícola: A crise da autonomia e do saber local

A agricultura familiar é a forma dominante de agricultura em todo o mundo, particularmente nos países em desenvolvimento. Isso se deve à sua adaptabilidade e capacidade de atender às necessidades alimentares locais de forma eficaz, tornando-a uma parte crucial das economias rurais. Em regiões onde a agricultura tradicional não é predominante ou acessível, a agricultura familiar produz uma grande parte dos alimentos básicos, essenciais para a nutrição das populações locais. Além disso, parte dos agricultores familiares, por residirem próximos a centros urbanos, pode fornecer sua mão de obra para setores econômicos próximos (Suárez & Infante, 2022).

Com suas origens no campesinato ou sociedades camponesas, porém, a agricultura familiar se distingue por apresentar uma forma diferente de organização do trabalho e da produção (Abramovay, 1992; 1997). Essa ‘ruptura’ entre agricultura camponesa e agricultura familiar se deve a processos de mercantilização e à crescente integração aos mercados, aumentando assim a inserção dos agricultores na sociedade capitalista (Plein, 2010). Esse modelo agrícola não apenas sustenta as economias locais, mas também se adapta às mudanças ambientais, contribuindo assim para um desenvolvimento econômico mais amplo (Bosc et al., 2019).

No Brasil, a expressão ‘agricultura familiar’ emergiu a partir de meados da década de 1990 (Schneider, 2006). Para o autor, dois eventos apresentaram um impacto social e político significativo no meio rural e favoreceram a emergência dessa temática. O primeiro, no campo político, foi o papel desempenhado pelos movimentos sociais do campo, atrelados ao sindicalismo rural ligado à Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura). O segundo foi o cenário social e político, com a criação, em 1996, do Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) com a finalidade de prover crédito agrícola e apoio institucional à agricultura familiar. Mais recentemente, em 2006, promulgou-se a Lei da Agricultura Familiar, reconhecendo oficialmente a agricultura familiar e permitindo a sua inserção nas estatísticas oficiais (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2006).

Assim, entende-se que a agricultura familiar é um modelo de produção que se destaca pela diversidade de culturas e pela relação direta entre os agricultores e a terra, promovendo a produção de alimentos frescos e nutritivos para as comunidades (Batista et al., 2015; Maia et al., 2015). No entanto, nas últimas décadas, práticas agrícolas modernas têm se intensificado, substituindo métodos tradicionais, impulsionados pelos avanços tecnológicos e pela necessidade de aumentar a produção de alimentos (Eloy et al., 2020).

Essa transição das práticas agrícolas tradicionais, enraizadas localmente, para os métodos industrializados

transformou significativamente a produção de alimentos. Esse processo começou no século 19, impulsionado pela necessidade de desenvolvimento econômico e integração das populações rurais nas estruturas nacionais, e foi caracterizado pela introdução de conhecimentos científicos agrícolas, educação e políticas destinadas a aumentar a produtividade e alinhar as práticas agrícolas com metas econômicas mais amplas (Hartmann, 2022). No Brasil, começou dentro do contexto histórico do modelo desenvolvimentista, evoluindo para um projeto conservador de modernização, caracterizado pelo estabelecimento de instituições como a Embrapa, modelos de produção dirigidos pelo Estado e pela integração de tecnologia, com o objetivo de aumentar a produtividade e alinhar a agricultura às práticas industriais (Silva & Botelho, 2014).

Esse processo de modernização é influenciado pelo regime sociotécnico, que molda práticas, regras e prioridades, levando a mudanças incrementais em vez de transformações radicais (Wiskerke, 2003). Assim, na agricultura, esse regime impõe um conjunto de regulamentações nacionais e, às vezes, também regionais que podem, direta ou indiretamente, prescrever práticas agrícolas. Além disso, os regimes sociotécnicos baseiam-se nos regimes anteriores, evidenciando que há uma trajetória específica para pesquisa e desenvolvimento para identificar o que será produzido dentro do ‘caminho privilegiado para o futuro’, vinculando diferentes níveis, diferentes atores e diferentes dimensões (Ploeg et al., 2004).

É importante observar que à medida que a agricultura foi se integrando cada vez mais a novos regimes sociotécnicos, foi se desconectando progressivamente de seus parâmetros tradicionais, tais como ecossistemas locais, conhecimento local, habilidades e artesanato locais, especialidades locais, relações sociais locais e repertórios culturais, dentre outros, que haviam definido anteriormente suas trajetórias de desenvolvimento (Ploeg et al., 2004).

Com a modernização e a inserção de inovações tecnológicas, a produção mundial de alimentos mais que dobrou e, assim, conseguiu atender à demanda da população mundial (Gazzoni, 2017; Saath & Fachinello, 2018). Todavia, décadas de pesquisa revelaram impactos ambientais desse modelo de uso do solo em todo o mundo, que vão desde alterações na composição atmosférica até alterações ecossistêmicas (Foley et al., 2005), deixando uma pegada ecológica significativa (Khan & Hanjra, 2009). Assim, o regime sociotécnico possibilitou modernas práticas de uso agrícola do sistema de produção que contribuíram para o aumento de curto prazo na produção de alimentos e em perdas de longo prazo nos serviços dos ecossistemas, importantes para a agricultura (Foley et al., 2005).

Dissociados dessa lógica, emergem movimentos e tendências que valorizam alternativas produtivas distintas aos sistemas convencionais de produção agrícola, muitas vezes baseadas em novidades como ‘desvios’ das lógicas e trajetórias provenientes da modernização agrícola, (Gazolla, 2020; Long

& Ploeg, 2011; Neske et al., 2014; Simões et al., 2020). Essas novidades podem ser a base desses sistemas alternativos de produção, mediadas por repertórios culturais, processos de trabalho agrícola e do conhecimento local associado, e representam uma trajetória alternativa de oferta de alimentos diferenciados, cujos processos de produção e processamento são balizados por premissas de sustentabilidade econômica, social e ambiental em bases locais ou regionais (Bloch, 2008).

A importância e o destaque que os sistemas de produção mais sustentáveis estão recebendo derivam, principalmente, de problemas relacionados ao crescimento populacional, esgotamento dos recursos naturais, infertilidade do solo, problemas ambientais, nomeadamente as alterações climáticas, e mudanças no comportamento do consumidor (Gava et al., 2014; Safarzyńska et al., 2012). Dentro desse contexto, os sistemas de produção de alimentos orgânicos — um sistema destinado a produzir alimentos com um mínimo de danos aos ecossistemas, aos animais ou aos seres humanos — têm se desenvolvido e frequentemente são propostos como solução (Seufert et al., 2012), representando uma alternativa aos sistemas convencionais de produção agrícola.

De acordo com a Federação Internacional de Movimentos de Agricultura Orgânica ([International Federation of the Organic Agriculture Movement \[IFOAM\], 2008](#)), a agricultura orgânica é um sistema de produção que promove a saúde dos solos, ecossistemas e pessoas. Tem como base os processos ecológicos, a biodiversidade e os ciclos adaptados às condições locais em alternativa ao uso de insumos com efeitos adversos. A agricultura orgânica combina a tradição, a inovação e a ciência de modo a ser benéfica para o espaço partilhado, promovendo relacionamentos justos e assegurando uma boa qualidade de vida a todos os envolvidos.

O sistema de produção de alimentos orgânicos se expandiu rapidamente em países ricos da Europa e nos Estados Unidos da América e passou a ser visto como um mecanismo de desenvolvimento em regiões onde prevalecem unidades de produção pequenas, como no Brasil ([Organics Brasil, 2016](#)). O crescente número de produtores orgânicos no país pode ser dividido em dois grupos: pequenos produtores familiares ligados a associações e grupos de movimentos sociais; e grandes produtores empresariais ligados a empresas privadas.

A produção de novidades é, na agricultura, um processo altamente localizado, em que por meio de ciclos de observação, interpretação, reorganização e avaliação, rotinas existentes são alteradas e uma nova maneira de fazer e pensar é encontrada e/ou criada (Ploeg et al., 2004). No caso da produção orgânica, agricultores orgânicos têm buscado maneiras alternativas para enfrentar as dificuldades e resoluções para os seus problemas diários, criando soluções locais, o que lhes permite participar do mercado. Essas soluções alternativas na agricultura familiar orgânica podem ser interpretadas como a produção de novidades (Gazolla, 2020).

## Um olhar para a produção de novidades

No decorrer de muitos séculos, os agricultores inseriram pequenas modificações no processo de produção, de forma intencional ou não intencional. Essas modificações são chamadas de produção de novidades e podem ser argumentadas como inerentes à agricultura, fazendo parte de uma transformação contínua do social e do natural (Oostindie & Van Broekhuizen, 2008; Ploeg et al., 2004).

A produção de novidades é intrínseca à agricultura como coprodução, em um processo contínuo de aprendizado e adaptação que permite a criação de novidades a partir da interação entre diversos componentes do sistema agrícola. Essa interconexão destaca a importância das relações ecológicas, que dependem do equilíbrio entre componentes do ecossistema e refletem o impacto das decisões dos agricultores, influenciadas por fatores sociais, econômicos e culturais, além de demonstrar a diversidade por meio de práticas familiares e agroecológicas que combinam saberes tradicionais (Farias & Costa, 2024; Ploeg et al., 2004; Silva & Dorneles, 2022).

As novidades não são totalmente novas na agricultura; em alguns casos, podem ser novas técnicas de produção que os agricultores utilizam para o manejo, em que eles criam e reformulam suas práticas conforme as dificuldades, problemas ou circunstâncias cotidianas. Conceber a prática e o conhecimento local dos agricultores para a resolução de problemas diários possibilita uma nova e melhor forma de potencializar a produção e prática agrícola e de aproximar os conhecimentos científicos dos tradicionais (Gazolla, 2020; Oliveira et al., 2011; Simões et al., 2020; Wiskerke & Ploeg, 2004).

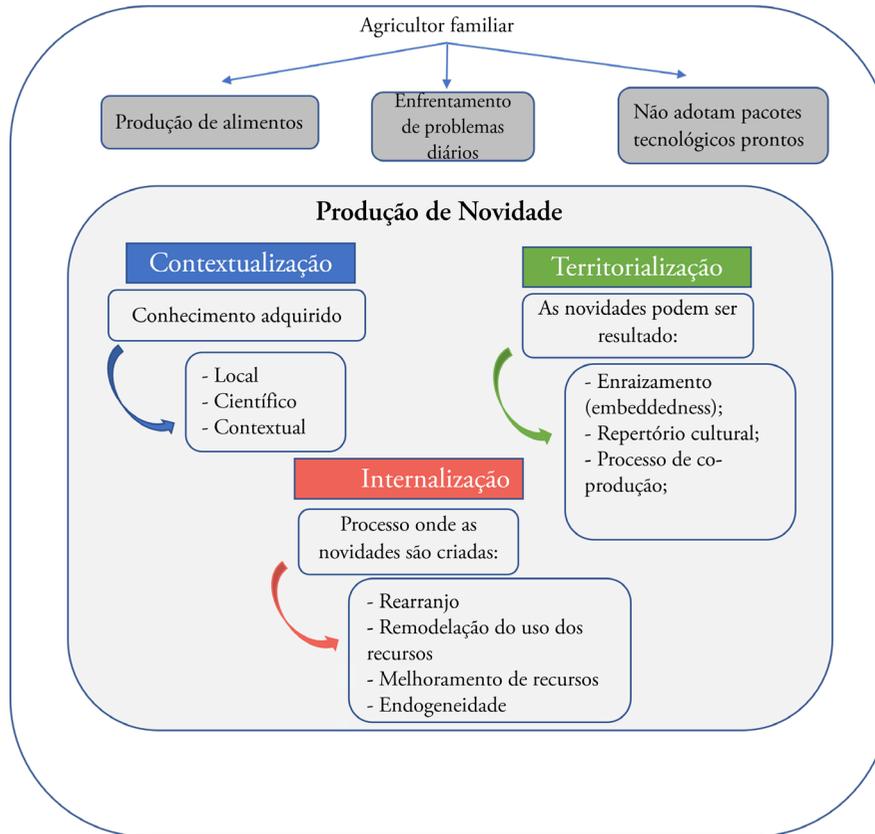
As novidades, por meio do conhecimento e empirismo dos agricultores, são mais amplas e podem desenhar uma nova forma tecnológica, podendo também apresentar novos processos e/ou produtos, novos mercados, novas organizações, novo conhecimento, dentre outros, possuindo inúmeros efeitos multidimensionais (Wiskerke & Ploeg, 2004). Os agricultores podem modificar a dinâmica do desenvolvimento, acelerando, neutralizando, modificando, resistindo ou até mesmo invertendo as predisposições impostas por um mercado, proporcionando respostas diferentes às condições mais adversas (Oliveira et al., 2011).

Nessa perspectiva, o conhecimento contextual ganha relevância, sendo resultado do contexto socioeconômico e institucional em que os agricultores estão inseridos. É a soma da fusão entre o mundo do agricultor e o de outros atores sociais, como pesquisadores, extensionistas, ambientalistas e consumidores, entre outros. O processo de geração do conhecimento contextual tem como base fundamental o conhecimento local, em que o agricultor vai melhorando sua maneira de fazer e produzir, e assim aprimorando ou construindo um novo conhecimento à medida que esse agricultor se relaciona com os demais atores (Coudel et al., 2023; Eshuis & Stuver, 2005). É o resultado de um acúmulo de habilidades e capacidades, que incluem

algum recurso tecnológico, desenvolvendo-se dentro de um contexto (Oostindie & Van Broekhuizen, 2008).

A busca por soluções alternativas por meio da produção de novidades envolve a contextualização, a internalização e a territorialização, que permitem aos agricultores adaptar

conhecimentos e tecnologias externas aos seus contextos locais específicos (Oliveira et al., 2011). Assim, tendo por base essas características, é apresentado na Figura 1 um quadro de análise para compreender o processo de produção de novidades na agricultura familiar orgânica.



**Figura 1.** Quadro teórico-analítico.

Fonte: Elaborado pelos autores. Baseado em: [Stuiver, M., & Wiskerke, J. S. C. \(2004\)](#). The VEL and VANLA environmental co-operatives as a niche for sustainable development. In J. D. van der Ploeg & J. S. C. Wiskerke (Eds.), *Seeds of transition: Essays on novelty production, niches and regimes in agriculture* (pp. 119–148). Royal Van Gorcum.; [Stuiver, M. \(2008\)](#). *Regime change and storylines: A sociological analysis of manure practices in contemporary Dutch farming* (Doctoral dissertation). Wageningen University. <https://edepot.wur.nl/16320>; [Eshuis, J., & Stuiver, M. \(2005\)](#). Learning in context through conflict and alignment: Farmers and scientists in search of sustainable agriculture. *Agriculture and Human Values*, 22, 137–148. <https://doi.org/10.1007/s10460-004-8274-0>; [Stuiver, M., Leeuwis, C., & van der Ploeg, J. D. \(2004\)](#). The power of experience: Farmers' knowledge and sustainable innovations in agriculture. In *Seeds of Transition: Essays on novelty production, Niches and Regimes in Agriculture* (pp. 93–118). Van Gorcum.; [Ploeg, J. D. van der, et al. \(2004\)](#). On regimes, novelties, niches, and co-production. In J. D. van der Ploeg & J. S. C. Wiskerke (Eds.), *Seeds of transition: Essays on Novelty production, niches and regimes in agriculture* (pp. 1–28). Royal Van Gorcum.; [Roep, D., & Wiskerke, J. S. C. \(2004\)](#). Reflecting on novelty production and niche management in agriculture. In J. S. C. Wiskerke & J. D. van der Ploeg (Eds.), *Seeds of transition: Essays on novelty production, niches and regimes in agriculture* (pp. 341–356). Assen, The Netherlands; [Wiskerke, J. S., & Ploeg, J. D. van der \(2004\)](#). Seeds of transition: Essays on novelty production, niches and regimes in agriculture. Royal Van Gorcum; [Oostindie, H. A., & Van Broekhuizen, R. E. \(2008\)](#). The dynamics of novelty production. In *Unfolding webs: The dynamics of regional rural development* (pp. 68–86). Koninklijke Van Gorcum; [Ventura, F., & Milone, P. \(2004\)](#). Novelty as redefinition of farm boundaries. In *Seeds of Transition: Essays on Novelty Production, Niches and Regimes in Agriculture* (pp. 57–92). Van Gorcum.; [Gazola, M., Pelegrini, G., & Cadoná, L. A. \(2010\)](#). A produção de novidades na agricultura: O caso das agroindústrias familiares. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 48, 1–20. e [Toledo, V. M. \(2015\)](#) *La racionalidad ecológica de la producción campesina*. Universidad Nacional de México.

A novidade pode surgir na fronteira que separa o conhecido do desconhecido, podendo ser um novo conhecimento ou um resultado inesperado de um processo de tentativas, pois as novidades vão além das regularidades existentes (Oostindie & Van Broekhuizen, 2008). Nesse sentido, a contextualização está ligada aos conhecimentos e às habilidades que os agricultores utilizam para a geração de novidades, usando principalmente o conhecimento

contextual, resultante do contexto socioeconômico, cultural e institucional. A internalização define qual é o recurso utilizado para a produção de novidades. Normalmente, são recursos internos do próprio local, podendo assim tornar a novidade mais rentável. A territorialização envolve o território, o tempo, o momento, o ecossistema local e as redes sociais daquele momento (Oliveira et al., 2011; Oostindie & Van Broekhuizen, 2008).

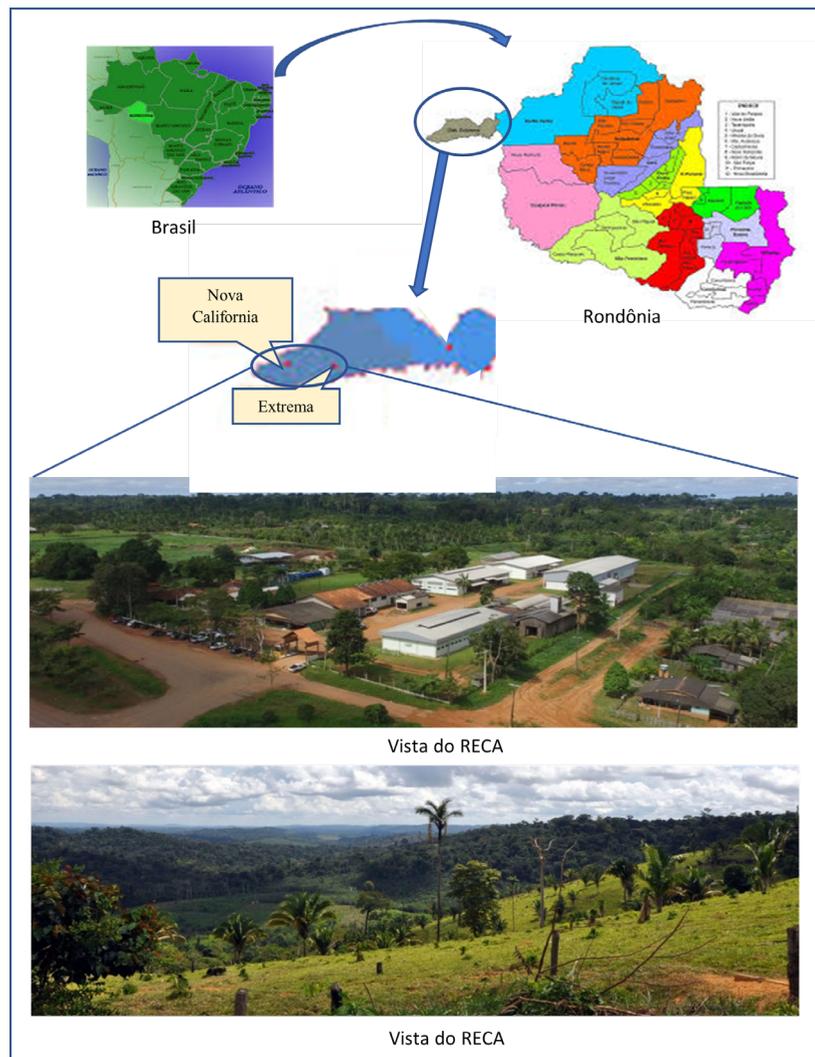
A produção de novidades também é vista como consequência da coprodução entre o homem e a natureza (Wiskerke & Ploeg, 2004). Ela pode estar ligada a novos arranjos institucionais, por exemplo, cooperativas que visam melhorar as relações entre agricultores e o Estado, por meio de novas formas de regulamentação com a finalidade de diminuir as barreiras institucionais existentes. Outro fator importante pode ser a criação de redes de confiança, podendo ocorrer através de um novo processo de produção ou de uma integração de duas ou mais atividades diferentes (Oostindie & Van Broekhuizen, 2008).

O processo da produção de novidades pode ser considerado contínuo e acontece baseado nos três construtos — contextualização, internalização e territorialização. Porém, a identificação de uma produção de novidade é bem desafiadora e só pode ser executada através da investigação do campo empírico, porém suas características facilitam sua compreensão durante a pesquisa, seguindo a prática dos

entrevistados, no desenvolvimento das ações. Para isso, tem-se a necessidade de uma observação empírica minuciosa dos processos e rotinas dos agricultores.

## METODOLOGIA

O método qualitativo, em sua análise, considera que os indivíduos constroem uma descrição particular de suas práticas, sendo o mais apropriado para a presente pesquisa (Abdal et al., 2016). A estratégia da pesquisa foi o estudo de caso, sendo examinados acontecimentos contemporâneos para obter descobertas dos significados dentro do seu ambiente natural (Yin, 2001). Em relação aos objetivos, a pesquisa é caracterizada como descritiva, pois a intenção é observar e descrever a produção de novidades, a percepção e o conhecimento local/contextual dos agricultores familiares quanto ao processo e suas habilidades, reunindo todos os elementos para descrever o fenômeno (Creswell, 2014).



**Figura 2.** Localização do RECA.  
Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Foi definido como lócus de pesquisa o Projeto RECA, que demonstra um caso de sucesso, tendo em vista sua visibilidade em âmbito nacional e internacional, para averiguação da produção de novidades. Na década de 1980, um grupo de 86 agricultores de várias partes do Brasil, sendo a maioria do sul e do nordeste do país, veio para a Ponta do Abunã, no distrito de Nova Califórnia, município de Porto Velho, estado de Rondônia, para um dos assentamentos do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Os projetos de colonização do Incra trouxeram um grande número de pequenos produtores para o estado de Rondônia. Porém, desde o início dos anos 2000, os agricultores familiares precisaram enfrentar diversas transformações significativas, tais como a ampliação da cultura da soja vinda do norte do Mato Grosso, a construção de cadeias nacionais de exportação de carne e a atuação das madeiras, que contribuíram e continuam contribuindo para o aumento do desmatamento e a devastação dos recursos naturais (Binsztok, 2008).

Quando esses agricultores chegaram, atraídos por um sonho de conseguir um sustento para suas famílias e sua descendência, primeiro foram obrigados a derrubar cerca de 50% da floresta. Em seguida, enfrentaram a negligência do Estado na distribuição das terras e o abandono, sendo deixadas sem provimento e recursos para produzir na nova terra (Binsztok, 2008).

Suas propriedades estavam situadas longe dos centros urbanos de Porto Velho, Rondônia, e Rio Branco, Acre. Ao notar que estavam esquecidos e longe de tudo, resolveram realizar a prática que tinham em sua terra natal: a cultura do arroz, café e feijão. Rapidamente, notaram que o clima e o solo da Amazônia não eram apropriados para aquelas culturas. Todo o trabalho se transformou em um grande desmatamento e frustração. Outro agravante era a falta de estradas e a pouca produção era levada através de carroças e bicicletas (Santos et al., 2018).

Diante de todos esses e outros problemas, os agricultores se uniram com seringueiros da região e tiveram apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e da Diocese da Igreja Católica de Rio Branco, e juntos criaram o Projeto RECA, visando trabalhar com plantas já adaptadas à região. Primeiramente, eles cultivavam arroz, feijão, cacau, milho e café, que eram as culturas que eles conheciam do sul do país. Introduziram nessas áreas espécies nativas da Amazônia como a pupunha (*Bactris gasipaes*), o cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*) e a castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa* H.B.K.). Puderam perceber que essas árvores serviriam de sombra para os agricultores durante seu trabalho de plantar (Santos et al., 2018).

Esse processo foi possível por meio do conhecimento e da experiência do habitante local e do sistema de associação trazido pelos agricultores do Sul. Com o tempo começaram

a se organizar, criando grupos específicos por ramais existentes, onde cada ramal tinha uma associação com uma liderança.

Considerando esse caso, definiu-se a coleta de dados através de entrevistas semiestruturadas gravadas, observação, diário de campo de verificação das atividades nas unidades e dados secundários (fotografias, mapas, vídeos e outros) (Saunders et al., 2012).

A entrevista é uma das técnicas muito utilizadas nas ciências sociais, sendo uma forma de coleta mais flexível (Gil, 2010), em que o pesquisador faz as perguntas face a face com o entrevistado baseado em um roteiro semiestruturado, com o intuito de obter dados relevantes para a pesquisa. Na presente pesquisa, as entrevistas semiestruturadas seguiram um instrumento predeterminado feito de perguntas abertas, adaptadas à realidade dos entrevistados, ao contexto ou em função das conversas, para fazer mais sentido para o entrevistado.

As entrevistas foram realizadas em novembro de 2020 e tiveram uma duração média de uma hora. Foram gravadas e armazenadas separadamente em nuvem, para manter o sigilo e o anonimato dos participantes e para evitar perdas ou danos. Depois foram transcritas de forma naturalizada na integralidade e posteriormente analisadas (Guerra, 2010; Oliver et al., 2005). Foram realizadas 11 entrevistas no total (Tabela 1), sendo nove entrevistas semiestruturadas com os agricultores familiares associados e cooperados ao projeto, sendo: (1) dois agricultores pioneiros do projeto; (2) um que chegou logo após o início do projeto; (3) quatro que são filhos de agricultores, sendo criados na região, que saíram para estudar nas especialidades técnicas da agricultura, voltaram para auxiliar seus pais e hoje também são produtores; e (4) dois que chegaram posteriormente. Além disso, foram realizadas duas entrevistas com os gestores da cooperativa sobre o processo de produção de novidades, sendo relatadas e demonstradas as novidades para auxiliar os agricultores.

A amostragem representativa foi utilizada apenas para as entrevistas, seguindo o critério de saturação, não necessitando a inclusão de novos entrevistados, pois os dados se tornaram repetitivos (Saunders et al., 2012). Em relação a isso, os pesquisadores seguiram certos procedimentos para determinar o número de entrevistados e entrevistas, conforme descrito por Morse (2000). Tanto Morse (2000) quanto Johansen e De Cock (2017) sugerem um intervalo de 6 a 10 como suficiente para uma população homogênea com perguntas semelhantes para todos os entrevistados.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente, com o propósito de compreender o processo de desenvolvimento da produção de novidades, em que eles puderam explicar de forma detalhada todo o processo.

**Tabela 1.** Códigos e características dos entrevistados.

Código	Gênero	Idade	Origem da família
A1	Masculino	78	Sul
A2	Masculino	57	Sul
A3	Feminino	24	Sul — nascida na região
A4	Masculino	39	Nordeste
A5	Feminino	44	Sul
A6	Feminino	58	Sul
A7	Masculino	51	Sudeste
A8	Masculino	61	Sul
A9	Masculino	40	Sul
G1	Masculino	40	Sul
G2	Masculino	40	Sul

**Nota.** Fonte: Dados da pesquisa.

A observação nesta pesquisa foi do tipo não participante, estando o pesquisador alheio aos entrevistados ou ao processo investigado, não interagindo com o objeto, buscando observar a relação do agricultor familiar e o processo da produção de novidade, sem uma ligação direta, fazendo as anotações em um diário de campo dos registros dos comportamentos e as ocorrências humanas envolvidas (Creswell, 2014). Os dados que foram colhidos pela observação auxiliaram na confirmação dos dados das entrevistas e documentos.

Para análise dos dados, o método da análise temática demonstrou-se mais adequado. Foi utilizado o programa MAXQDA Analytics 2020, que é um software acadêmico para análise de dados qualitativos e de métodos mistos. Em primeiro lugar, foram inseridas as transcrições das entrevistas, os documentos (sendo inseridos e categorizados como imagem) e as anotações dos documentos, tais como dados gerais, e dividindo-os em grupos. A seguir foi feita uma lista de códigos com as categorias e construtos, inserindo uma breve explicação de cada código. Foram então selecionados os trechos relevantes das entrevistas, conforme as categorias preestabelecidas e os documentos. Foi então feita uma releitura dos trechos codificados para a verificação das categorias, que foram confirmadas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados da pesquisa demonstram que o Projeto RECA é um projeto agroflorestal que visa dar suporte à produção agrícola familiar, tendo como objetivo principal a produção comercial. O Projeto RECA busca auxiliar na diminuição do desmatamento local, auxiliando os agricultores familiares locais a melhorar sua habilidade técnica em sua produção, levantando uma bandeira de uma produção agroflorestal de valor agregado, possibilitando melhorias na qualidade de vida desses agricultores que outrora estiveram marginalizados na floresta amazônica.

O entrevistado A1 relatou que, quando chegou à região, teve o sentimento de ter sido iludido pelo que viu na televisão na época, pois a propaganda dizia que o Incra daria 40 alqueires de terra para cada agricultor e que na região haveria o Núcleo Urbano de Assistência Rural (NUAR). Esses núcleos teriam escola, posto de saúde, mercado, tudo mantido pelo Incra, porém, ao chegar à região, deparou-se com outra realidade, tendo que andar 50 km a pé para chegar à propriedade rural, sem estrada e sem estrutura.

Foi citado que o conhecimento local que eles tinham não se encaixava ao novo local em que eles agora estavam. Alguns começaram a plantar agricultura branca, que era a técnica conhecida, e assim plantaram arroz, feijão e milho. Porém, o clima e o solo se mostraram não favoráveis para tais culturas. Encontraram barreiras para escoar o que conseguiam produzir devido à falta de infraestrutura, então, tiveram que desmatar mais a floresta para tentar sobreviver.

Os que chegavam à região começaram a se conhecer através da igreja, onde pequenos grupos começaram a se formar por compartilharem interesse comum, tais como grupos de baralho, futebol e pequeno comércio. Esse relato pode ser compreendido como a formação de uma rede social emergente na região, onde a igreja atua como um espaço de interação e sociabilidade, possibilitando aos agricultores estabelecer laços e conexões, criando um senso de comunidade. Segundo Aguilar-Gallegos et al. (2015) e Chiffolleau (2005), essas redes sociais auxiliam os pequenos agricultores a encontrar soluções e difundirem seus conhecimentos.

Participavam das conversas nesses grupos algumas pessoas da região, além de uma pessoa da Embrapa e alguns técnicos, que conversavam sobre cupuaçu.

“Quando eu vim pra aqui, eu não conhecia açaí, eu não conhecia castanha, eu não conhecia andiroba, eu não conhecia copaíba e muito menos cupuaçu” (A7).

“Nunca tinha ouvido falar de cupuaçu” (A9).

Alguns agricultores então buscaram se orientar com os seringueiros para entender a produção agrícola da região. Os agricultores vindos do sul do país tinham experiência em associativismo e os agricultores locais tinham conhecimento sobre as culturas produtivas adequadas à região. Essas conversas, apoiadas por Dom Moacir (bispo de Rio Branco, Acre), fomentaram no grupo o início do Projeto RECA. Dom Moacir incentivou o grupo de agricultores a fazer um projeto, desencadeando a criação da Associação dos Pequenos Agrossilvicultores do RECA em 1989. Fizeram o projeto e, após diversas reuniões, a entidade holandesa CEBEMO (Cooperação Técnica da Holanda — Catholic Organization for Joint Financing of Development Programmes) decidiu financiar o projeto.

O início do projeto revela um processo marcado por tentativas que incluem tanto erros quanto acertos, como citam [Oostindie e Van Broekhuizen \(2008\)](#). Além disso, conforme mencionam [Roep e Wiskerke \(2004\)](#), essa fase pode ser caracterizada como um ‘desvio de rota’, indicando que o desenvolvimento do projeto não seguiu um plano rígido

ou previsível. Em vez disso, foi moldado pelas circunstâncias específicas do local e pelas interações com os participantes envolvidos.

O conhecimento adquirido, conforme relatado pela maioria dos entrevistados, é resultado principalmente da troca de informações com outros agricultores. Essas interações ocorrem em diversos contextos, como conversas informais e reuniões, em que os agricultores compartilham experiências, desafios e soluções. Além disso, a participação em cursos, treinamentos e capacitações contribui significativamente para a formação desse conhecimento. A troca de informações com outros atores sociais do ambiente local, como extensionistas, pesquisadores e representantes de cooperativas, também enriquece esse processo.

Essas interações e troca de experiências são fundamentais para a construção do conhecimento contextual, conforme afirmam [Eshuis e Stuver \(2005\)](#). Essa construção não se limita ao aprendizado individual, mas se expande para uma base coletiva, onde o saber é adaptado às condições locais e às necessidades específicas da comunidade agrícola.

[Oostindie e Van Broekhuizen \(2008\)](#) utilizam as bases de [Nonaka e Takeuchi \(2008\)](#) e [Belussi e Pilotti \(2000\)](#) ao citarem quatro importantes processos de aprendizagem (Tabela 2) que fluem juntos para criar conhecimento contextual: (1) socialização; (2) externalização; (3) recombinação; (4) internalização.

**Tabela 2.** Conhecimento contextual no projeto RECA.

Estágio	Base teórica	Resultados encontrados
Socialização	Os atores compartilham seu conhecimento tácito uns com os outros.	Conhecimento baseado na experiência dos agricultores mais antigos (reuniões, conversas).
Externalização	O conhecimento tácito se transforma em conhecimento codificado, possibilitando a difusão para além do grupo original.	Aprenderam com os pais, em cursos e escola agrícola.
Recombinação	A reutilização de diversas fontes e os conhecimentos tácito e codificado, possibilitando a criação de novos conhecimentos, através de redes e outras ligações.	Os que chegaram depois aprenderam com os que já estavam no processo; e conhecimento adquirido ajustado aos resultados e reajustando à sua realidade.
Internalização	O meio pelo qual existe a absorção do conhecimento externo, talvez codificado, transformando-o novamente em conhecimento tácito no contexto.	O conhecimento foi possibilitado por parcerias através da cooperativa.

Nota. Fonte: Dados da pesquisa.

Parte do conhecimento de alguns agricultores veio através da experimentação, que é onde ocorre o processo de externalização (em que o conhecimento tácito pode ser difundido para além do grupo original). Alguns agricultores entraram na cooperativa posteriormente e tiveram a oportunidade de aprender, demonstrando o processo de recombinação (onde acontece a reutilização de diversas fontes, tornando possível a criação de novos conhecimentos por meio das redes) ([Oostindie & Van Broekhuizen, 2008](#)).

“No meu caso, eu já cresci aqui, né, com meus pais, auxiliando e aprendendo desde... E aí eu fui estudar na escola agrícola” (A3).

“Cursos, fiz alguns sempre, mas é mais essa prática do dia a dia, vê o agricultor fazendo, conversando” (A4).

“Desde que eu entrei aqui, participei de tudo, sabe, tudo que era reunião, ficava só ouvindo, né” (A9).

A cooperativa proporciona para o agricultor as chamadas redes de confiança (Oostindie & Van Broekhuizen, 2008). Isso acontece com as reuniões dos grupos, dias de campo, trocas de experiências, fortalecendo seu enraizamento.

“Dias de campo, a gente se encontra, discute muito e troca ideia. Um produtor vai visitar a gente, um produtor que tem mais experiência. Conversa e a gente vai melhorando” (A7).

Os resultados indicam que a cooperativa e a associação são as principais formas pelas quais o grupo de agricultores continua a buscar novas práticas. A cooperativa facilita o processo do enraizamento, proporcionando conexões dos agricultores com outros atores por relações e redes. É por meio da cooperativa que acontece a comercialização dos produtos com o mercado. A cooperativa tem uma estrutura de quatro agroindústrias: (1) palmito de pupunha em conserva; (2) polpas de frutas; (3) óleos vegetais; (4) beneficiamento de sementes de pupunha. A cooperativa, então, é o agente de venda da produção dos agricultores.

A cooperativa atua buscando novidades alternativas com diversos parceiros, tais como ONGs, Embrapa, universidades, Natura, dentre outros, com novas pesquisas, para que a cooperativa consiga melhorar sua produção, remodelar seus recursos e abrir novos mercados. Na época das entrevistas, o vice-diretor relatou que a cooperativa conseguiu aprovar um projeto com a Universidade Federal do Acre (UFAC) e com o Ministério da Agricultura para residentes dos cursos de Agronomia e Medicina Veterinária.

Desde o início, o projeto visava trabalhar com sistemas agroflorestais como um primeiro modo de sobrevivência tanto financeira quanto econômica. Inicialmente, os agricultores não conheciam sobre os SAFs, e começaram a buscar conhecimento por meio de interações com outros agricultores locais e por participação em cursos. Segundo o entrevistado G1, os SAFs proporcionam uma cobertura vegetal similar à de uma floresta, permitindo que o solo tenha uma manutenção maior para a fertilidade, reaproveitando os resíduos orgânicos e os nutrientes, enriquecendo alguns solos da Amazônia, que têm baixa fertilidade. Os SAFs foram essenciais para a subsistência da geração de renda do agricultor familiar do RECA e principalmente para a contribuição da conservação do solo, do meio ambiente e da biodiversidade do local.

Estavam desenvolvendo, também, um projeto-piloto de investimento de impacto, em uma propriedade do RECA, com pesquisa e tecnologia com o fundo Vale, da Vale do Rio Doce. O projeto irá segmentar uma propriedade com baixa produção e implementar tecnologias por meio de arranjos sustentáveis, oferecendo uma perspectiva tanto econômica quanto ambiental. Se o projeto for bem-sucedido, outros agricultores observarão os resultados e estarão motivados a migrar para a agricultura orgânica também. Esse projeto pode ser visto como uma produção de novidade (Oostindie & Van Broekhuizen, 2008; Wiskerke & Ploeg, 2004), pois rompe as barreiras limitantes

da região, produzindo novos arranjos e novos processos de produção.

A outra forma de fazer diferente do projeto RECA, apontada pelos entrevistados, é a certificação orgânica. Os dados demonstraram que a passagem do convencional para a certificação orgânica não foi um processo tão simples assim. Os agricultores precisaram se adaptar a diversas normas e regras solicitadas pela certificadora IBD — Associação de Certificação Instituto Biodinâmico. Muitos agricultores já percebiam que as práticas convencionais estavam agredindo a terra, havendo uma necessidade de mudar a postura e tomar outro rumo. A passagem para a certificação orgânica trouxe diversos benefícios para a cooperativa e principalmente para os agricultores. A Natura foi a parceira, grande incentivadora para que houvesse a certificação. A cooperativa informou que, até 2024, o planejamento é ter 100% dos agricultores com produção orgânica.

No momento da coleta de dados, a cooperativa produzia um composto orgânico dos resíduos existentes. O resíduo, antes, era um problema para todos, visto como lixo. A fábrica fazia o processamento dos frutos e precisava descartar as cascas. Primeiro, era jogado em outros terrenos, até que a cooperativa comprou o terreno ao lado de sua sede e começou a colocar os resíduos. Mas citaram que era uma dificuldade para todos, pois os resíduos das cascas da castanha e do cupuaçu geravam roedores, baratas, insetos e mau cheiro vindo do chorume.

O composto orgânico é feito do resíduo da casca do cupuaçu, da casca da castanha, do caroço do açaí e da capa do palmito, todos triturados, utilizando os ingredientes na quantidade certa, determinada por pesquisa realizada. No momento, a cooperativa produz biofertilizantes utilizando ingredientes provenientes das propriedades, sendo um produto sustentável, barato e fácil. Esse produto seria muito caro para ser adquirido por um agricultor sozinho. Porém, o fato de ser produzido pela cooperativa traz empoderamento para o agricultor, ressalta o entrevistado G2. Na produção de biofertilizantes, a cooperativa proporciona capacitações para que os produtores saibam como fazer seus próprios biofertilizantes, pois alguns agricultores nem sempre têm todas as condições para fazer, outros não têm muito tempo e alguns acham muito difícil. A cooperativa conseguiu, por um projeto, comprar o material para montar uma produção.

Para o surgimento de novidades, é necessário entender o conhecimento do agricultor para a solução dos seus problemas cotidianos (Oliveira et al., 2011; Wiskerke & Ploeg, 2004), por suas observações, interpretações e avaliações da cultura e do contexto (Ploeg et al., 2004), podendo utilizar novas técnicas no manejo da produção (Oliveira et al., 2011), o que pode ser uma quebra de um regime tecnológico dominante (Wiskerke & Ploeg, 2004) ou uma modificação de algumas rotinas, provocando novas práticas (Ploeg et al., 2004).

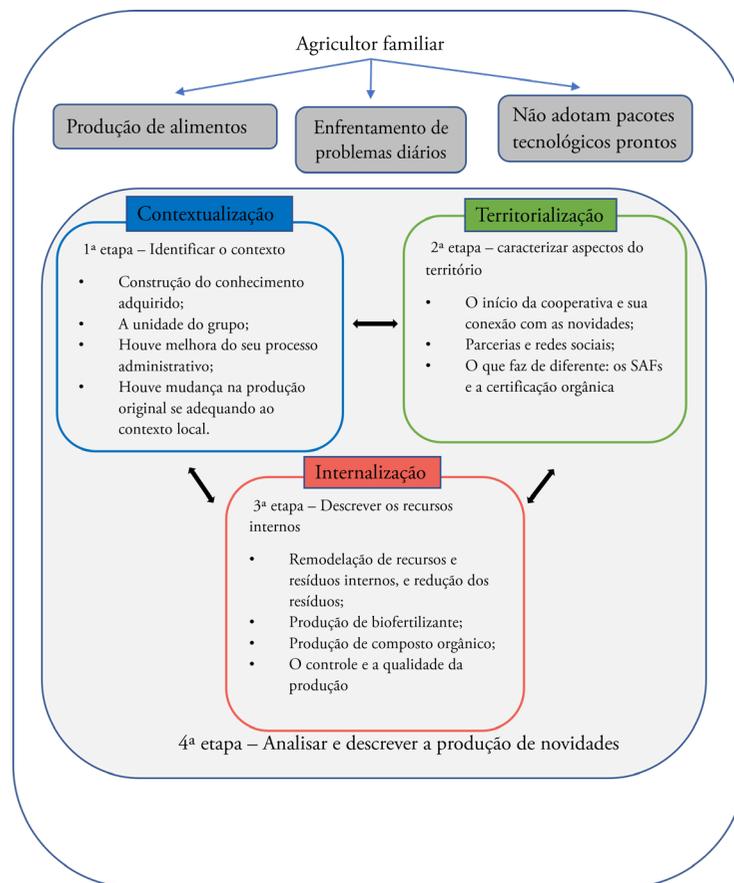
Os agricultores conseguiram produzir novidades por meio do seu conhecimento contextual, corroborando os autores que apresentaram o conhecimento contextual como a

combinação do conhecimento local com o conhecimento científico (Oostindie & Van Broekhuizen, 2008). Esse conhecimento construído serviu de base para suas práticas produtivas (Oliveira et al., 2011), e a interação com os demais atores envolvidos (Stuiver et al., 2004) pode ter colaborado para o desenvolvimento das novidades.

O conhecimento, principalmente passado de pai para filho, somado ao conhecimento técnico-científico adquirido nas escolas especializadas, pode contribuir para o rompimento dos padrões dominantes, possibilitando mudanças maiores no contexto (Oostindie & Van Broekhuizen, 2008; Ventura & Milone, 2004; Wiskerke & Ploeg, 2004). Aqueles agricultores que não quiseram

trabalhar orientados pelo projeto foram envelhecendo e tiveram a falta de sucessor, conforme resultados semelhantes apontados em outras pesquisas, tais como Mello e Schneider (2013).

Os SAFs e a certificação orgânica foram fatores cruciais para que o Projeto RECA, em parceria com a Natura, implementasse o projeto de crédito de carbono com o Fundo Amazônia. Essa iniciativa não apenas apoiou a cooperativa, mas também beneficiou os agricultores familiares, tanto no aspecto financeiro quanto no campo do conhecimento e aprendizado. Os agricultores foram incentivados a manter práticas que promovem a preservação ambiental, alinhando suas atividades produtivas à sustentabilidade (Altieri, 2004; Hinrichs, 2014).



**Figura 3.** Síntese dos resultados.

Fonte: Dados da pesquisa. Baseado em: Fonte: Elaborado pelos autores. Baseado em: Stuiver, M., & Wiskerke, J. S. C. (2004). The VEL and VANLA environmental co-operatives as a niche for sustainable development. In J. D. van der Ploeg & J. S. C. Wiskerke (Eds.), *Seeds of transition: Essays on novelty production, niches and regimes in agriculture* (pp. 119–148). Royal Van Gorcum.; Stuiver, M. (2008). *Regime change and storylines: A sociological analysis of manure practices in contemporary Dutch farming* (Doctoral dissertation). Wageningen University. <https://edepot.wur.nl/16320>; Eshuis, J., & Stuiver, M. (2005). Learning in context through conflict and alignment: Farmers and scientists in search of sustainable agriculture. *Agriculture and Human Values*, 22, 137–148. <https://doi.org/10.1007/s10460-004-8274-0>; Stuiver, M., Leeuwis, C., & van der Ploeg, J. D. (2004). The power of experience: Farmers’ knowledge and sustainable innovations in agriculture. In *Seeds of Transition: Essays on novelty production, Niches and Regimes in Agriculture* (pp. 93–118). Van Gorcum.; Ploeg, J. D. van der, et al. (2004). On regimes, novelties, niches, and co-production. In J. D. van der Ploeg & J. S. C. Wiskerke (Eds.), *Seeds of transition: Essays on Novelty production, niches and regimes in agriculture* (pp. 1–28). Royal Van Gorcum.; Roep, D., & Wiskerke, J. S. C. (2004). Reflecting on novelty production and niche management in agriculture. In J. S. C. Wiskerke & J. D. van der Ploeg (Eds.), *Seeds of transition: Essays on novelty production, niches and regimes in agriculture* (pp. 341–356). Assen, The Netherlands; Wiskerke, J. S., & Ploeg, J. D. van der (2004). Seeds of transition: Essays on novelty production, niches and regimes in agriculture. Royal Van Gorcum; Oostindie, H. A., & Van Broekhuizen, R. E. (2008). The dynamics of novelty production. In *Unfolding webs: The dynamics of regional rural development* (pp. 68–86). Koninklijke Van Gorcum; Ventura, F., & Milone, P. (2004). Novelty as redefinition of farm boundaries. In *Seeds of Transition: Essays on Novelty Production, Niches and Regimes in Agriculture* (pp. 57–92). Van Gorcum.; Gazola, M., Pelegrini, G., & Cadoná, L. A. (2010). A produção de novidades na agricultura: O caso das agroindústrias familiares. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 48, 1–20. e Toledo, V. M. (2015) *La racionalidad ecológica de la producción campesina*. Universidad Nacional de México.

Outra novidade produzida na cooperativa é a fabricação do biofertilizante e do composto orgânico. Segundo Kroma (2006), esse tipo de solução busca a conservação dos recursos baseada na reciclagem dos insumos naturais, no remodelamento dos recursos existentes no local, onde se tem como resultado a conservação do solo e do meio ambiente. Essa prática pode ser vista como novidade, pois fez um remodelamento e melhoramento do uso dos recursos, utilizando resíduos dos próprios agricultores e favorecendo uma prática alternativa sustentável (Cannarella & Piccioni, 2011; Hinrichs, 2014; Ploeg et al., 2004). Percebe-se, de uma forma geral, que a cooperativa proporcionou um espaço (nicho) onde a produção e desenvolvimento de novidades fossem possíveis.

Cabe citar que, durante as entrevistas, o avanço da pecuária na região foi apontado pelos entrevistados como uma dificuldade para o projeto. Segundo o entrevistado G1, a pecuária representou e ainda representa o “segundo momento econômico da região, perdendo apenas para a madeira”. Para o entrevistado, o problema da pecuária é que ela tem sido implantada de maneira insustentável, menos produtiva e causando impacto ambiental. Na visão dele, os produtores utilizam, na pecuária, grande extensão de terras, e podem causar impactos tais como obstrução de fontes de água e corte de árvores. Ele complementa citando que eles não têm a consciência de longo prazo dos prejuízos que serão causados posteriormente. Essa alta demanda pela utilização dos recursos da natureza é discutida também por Oliveira et al. (2011) e Foley et al. (2005) sobre o uso intensivo do solo e como isso vem causando alterações no ambiente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, o objetivo foi analisar como o conhecimento contextual contribui para a produção de novidades na agricultura orgânica na Associação dos Pequenos Agrossilvicultores do Projeto de Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado e Cooperativa do Projeto RECA, situada no município de Porto Velho, estado de Rondônia, Amazônia, Brasil. Conclui-se que a teoria da produção de novidades se mostrou adequada para entender e analisar a realidade dos agricultores familiares envolvidos no projeto RECA, bem como sua forma de trabalho. Essa teoria desempenhou um papel essencial na compreensão das mudanças ocorridas, oferecendo uma descrição detalhada de como os agricultores superaram seus desafios e seguiram um caminho alternativo, que fez do Projeto RECA uma referência regional na produção de novidades.

A criação da cooperativa revelou-se significativa, pois, por meio dela, diversos avanços e passos importantes têm ocorrido e continuarão a ocorrer. Além disso, a cooperativa facilita parcerias que se mostraram fundamentais para o sucesso do projeto. A coesão do grupo foi fundamental para o sucesso da associação e da cooperativa, e o conhecimento contextual construído

permitiu que a produção implementada no início do projeto fosse adaptada ao contexto local, e os agricultores continuam buscando melhorias.

A produção de novidades incluiu a remodelação de recursos e resíduos internos, tal como relatado na produção de biofertilizantes e compostos orgânicos. Ao transformar resíduos em recursos valiosos, a cooperativa não apenas reduz custos e promove a sustentabilidade, mas também fortalece a comunidade agrícola, contribuindo para um futuro mais sustentável. As novidades do Projeto RECA foram favorecidas em diversos momentos pelas parcerias e redes sociais.

As contribuições teóricas derivadas dos resultados da pesquisa são significativas para a literatura relacionada à agricultura familiar e à produção de novidades. A aplicação do quadro teórico de Oostindie e Van Broekhuizen (2008) demonstrou a pertinência da teoria da produção de novidades na compreensão das dinâmicas locais, reforçando a importância da interação entre conhecimento local e científico. Os resultados mostram que a estrutura colaborativa da cooperativa favorece não apenas a troca de conhecimentos, mas também a adaptação às realidades locais, contribuindo com a discussão nessa área. Contribui, também, para um diálogo mais amplo entre teoria e prática em cenários rurais, especialmente em contextos amazônicos.

As contribuições práticas e gerenciais que podem ser extraídas do resultado desta pesquisa para o setor na Amazônia são: (1) primeiramente, a capacidade dos agricultores de se adaptar a novas situações, aliada à coesão do grupo, destaca a importância de promover um ambiente colaborativo, que pode ser replicado em outras cooperativas; (2) a criação da cooperativa não apenas facilitou a comercialização dos produtos, mas também fortaleceu parcerias estratégicas, como com a Natura, essenciais para o crescimento do projeto; (3) cursos e treinamentos têm mostrado que a combinação dos conhecimentos local e científico, gerando conhecimento contextual, é vital para o desenvolvimento das competências dos agricultores, melhorando a gestão e a produção; (4) a implantação de práticas sustentáveis como a produção de biofertilizantes e compostos orgânicos mostra como as novidades podem ajudar na redução de custos e aumentar a eficiência.

Sugestões para estudos futuros podem ser delineadas com um leque de oportunidades para aprofundar o conhecimento sobre práticas agrícolas colaborativas e novidades. Pesquisas longitudinais que acompanhem a evolução das práticas dos agricultores e a eficácia das novidades implementadas ao longo do tempo permitirão uma compreensão da sua aceitação e legitimação em outros contextos. Investigações que comparem a experiência do Projeto RECA com outras iniciativas similares em diferentes regiões do Brasil ou do mundo podem enriquecer a literatura, oferecendo insights sobre as melhores práticas e abordagens adaptativas em contextos diversos.

## REFERÊNCIAS

- Abdal, A., Oliveira, M. C. V., Ghezzi, D. R., & Santos Júnior, J. (2016). *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco qualitativo*. <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4955842&forceview=1>
- Abramovay, R. (1992). *Paradigmas do capitalismo agrário em questão*. Edunicamp.
- Abramovay, R. (1997). Uma nova extensão rural para a agricultura familiar. In *Anais do Seminário Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural*. Brasília, Df. Brasil.
- Abreu, L. S. de, & Watanabe, M. A. (2016). Agricultores familiares do Sul da Amazônia: Desafios e estratégias para inovação agroecológica de sistemas de produção. *Revista Verde De Agroecologia E Desenvolvimento Sustentável*, 11(5), 114–122. <https://doi.org/10.18378/rvads.v11i5.4202>
- Aguilar-Gallegos, N., Muñoz-Rodríguez, M., Santoyo-Cortés, H., Aguilar-Ávila, J., & Klerck, L. (2015). Information networks that generate economic value: A study on clusters of adopters of new or improved technologies and practices among oil palm growers in Mexico. *Agricultural Systems*, 135, 122–132. <https://doi.org/10.1016/j.agsy.2015.01.003>
- Altieri, M. A. (2004). Linking ecologists and traditional farmers in the search for sustainable agriculture. *Frontiers in Ecology and the Environment*, 2(1), 35–42. [https://doi.org/10.1890/1540-9295\(2004\)002\[0035:LEATFI\]2.0.CO;2](https://doi.org/10.1890/1540-9295(2004)002[0035:LEATFI]2.0.CO;2)
- Araújo, D. A. P. S., Leal, G. F., & Schottz, V. (2023). Caminhos, motivações e desafios para a produção de alimentos sem agrotóxicos: olhares a partir de experiências da agricultura familiar. *Guaju: Revista Brasileira De Desenvolvimento Territorial Sustentável*, 9(1), 206–231. <https://doi.org/10.5380/guaju.v9i0.89238>
- Batista, L. M. G., Ribeiro, S. M. R. R., Santos, R. H. S., Ribeiro, A. Q. R. & Gasparoni, G. P. (2015). Perfil sócio demográfico e das atividades agrícolas de manejo e produção de agricultores familiares inscritos no Programa de Aquisição de Alimentos-PAA, do município de UBÁ-MG. *Revista Brasileira De Agropecuária Sustentável*, 5(2). <https://doi.org/10.21206/rbas.v5i2.303>
- Belussi, F., & Pilotti, L. (2000). Knowledge creation and collective learning in the Italian local production systems. Università degli Studi di Padova.
- Binsztok, J. (2008). Transformações socioespaciais da agricultura familiar na Amazônia. *Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, 12(270). <https://raco.cat/index.php/ScriptaNova/article/view/115752>
- Bloch, D. (2008). *Agroecologia e acesso a mercados: Três experiências na agricultura familiar da região nordeste do Brasil*. Oxfam.
- Bosc, P.-M., Sourisseau, J.-M., Bonnal, V., Gasselin, P., Valette, E., & Béliers, J.-F. (2019). *Diversity of family farming around the world: Existence, transformations and possible futures of family farms* (1st ed.). Springer Dordrecht. <https://doi.org/10.1007/978-94-024-1617-6>
- Cannarella, C., & Piccioni, V. (2011). Traditionations: Creating innovation from the past and antique techniques for rural areas. *Technovation*, 31(12), 689–699. <https://doi.org/10.1016/j.technovation.2011.07.002>
- Chiffolleau, Y. (2005). Learning about innovation through networks: The development of environment-friendly viticulture. *Technovation*, 25(10), 1193–1204. <https://doi.org/10.1016/j.technovation.2004.04.003>
- Coudel, E., Nasuti, S., Santos, B. A., Piva, M., Lima, D. V., Wagner, D., Folhes R., Silva H., Cortes, J. P., Fechine, V., Piraux, M., Bonnet, M-P. (2023). Coprodução de conhecimento com organizações da agricultura familiar: Um observatório de ciência cidadã na Amazônia brasileira. *Novos Cadernos NAEA*, 26(1). <http://dx.doi.org/10.18542/ncn.v26i1.13739>
- Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: Escolhendo entre cinco abordagens*. Penso Editora.
- Eloy, L., Souza, C., Nascimento, D., Nogueira, M. C. R., Barretto Filho, H. T., Bustamante, P., & Emperaire, L. (2020). Os sistemas agrícolas tradicionais nos interstícios da soja no Brasil: Processos e limites da conservação da agrobiodiversidade. *Confins*, 45(2). <https://doi.org/10.4000/confins.28182>
- Eshuis, J., & Stuver, M. (2005). Learning in context through conflict and alignment: Farmers and scientists in search of sustainable agriculture. *Agriculture and Human Values*, 22, 137–148. <https://doi.org/10.1007/s10460-004-8274-0>
- Farias, S. K., & Costa, G. D. (2024). Agricultura familiar ribeirinha, desenvolvimento e sustentabilidade na Amazônia: Ilhas do Combu, Murutucu e Grande. *Novos Cadernos NAEA*, 27(1), 163–186. <http://dx.doi.org/10.18542/ncn.v27i1.13393>
- Foley, J. A., DeFries, R., Asner, G. P., Barford, C., Bonan, G., Carpenter, S. R., ... & Snyder, P. K. (2005). Global consequences of land use. *Science*, 309(5734), 570–574. <https://doi.org/10.1126/science.1111772>
- Gava, O., et al. (2014). Sustainability of local versus global bread supply chains: A literature review. In *3rd AIEAA Conference: Feeding the planet and greening agriculture: Challenges and opportunities for the bio-economy*, Alghero, Italy.
- Gazola, M., Pelegrini, G., & Cadoná, L. A. (2010). A produção de novidades na agricultura: O caso das agroindústrias familiares. In *48º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia Administração e Sociologia Rural*, Campo Grande, Brasil.
- Gazolla, M. (2020). Perspectiva multinível e coevolucionária e a noção de novidades no desenvolvimento rural e regional: Aplicações aos estudos das práticas criativas da agricultura familiar. *Redes*, 25(1), 232–254. <https://doi.org/10.17058/redes.v25i1.14411>
- Gazzoni, D. L. (2017). Como alimentar 10 bilhões de cidadãos na década de 2050? *Ciência e Cultura*, 69(4), 33–38. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602017000400012>

- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa* (5th ed.). Atlas.
- Guerra, J. H. L. (2010). Proposta de um protocolo para estudo de caso em pesquisas qualitativas. In *Anais do 30º Encontro Nacional de Engenharia de Produção: Maturidade e desafios da Engenharia de Produção: Competitividade das empresas, condições de trabalho, meio ambiente*. São Carlos, Brasil.
- Hartmann, H. (2022). Developing agriculture, modernizing rural society: Transnational dimensions of agricultural expertise. In L. van de Grift, D. Müller & C. Unger (Eds.), *Living with the Land: Rural and Agricultural Actors in Twentieth-Century Europe – A Handbook* (pp. 227–250). De Gruyter Oldenbourg. <https://doi.org/10.1515/9783110678628-012>
- Hinrichs, C. C. (2014). Transitions to sustainability: A change in thinking about food systems change? *Agriculture and Human Values*, 31(1), 143–155. <https://doi.org/10.1007/s10460-014-9479-5>
- International Federation of the Organic Agriculture Movement. (2008). *Definition of organic agriculture: IFOAM General Assembly in Vignola, Italy*. <https://www.ifoam.bio/>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2006). *Censo agropecuário: Agricultura familiar*. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=750>
- Johansen, C. B., & De Cock, C. (2017). Ideologies of time: How elite corporate actors engage the future. *Organization*, 25(2), 186–204. <https://doi.org/10.1177/1350508417725592>
- Khan, S., & Hanjra, M. A. (2009). Footprints of water and energy inputs in food production – Global perspectives. *Food Policy*, 34(2), 130–140. <https://doi.org/10.1016/j.foodpol.2008.09.001>
- Kroma, M. M. (2006). Organic farmer networks: Facilitating learning and innovation for sustainable agriculture. *Journal of Sustainable Agriculture*, 28(4), 5–28. [http://dx.doi.org/10.1300/J064v28n04\\_03](http://dx.doi.org/10.1300/J064v28n04_03)
- Long, N., & Ploeg, J. H. (2011). Heterogeneidade, ator e estrutura: Para a reconstrução do conceito de estrutura. In S. Schneider & M. Gazolla (Orgs.), *Os atores do desenvolvimento rural: Perspectivas teóricas e práticas sociais* (pp. 21–48). Editora da UFRGS.
- Machado, V. M., Farias, M. A. S., & Soares, F. I. L. (2021). O programa de educação ambiental e agricultura familiar (PEAAF) como incentivo a práticas sustentáveis. *Revista Multidisciplinar De Educação E Meio Ambiente*, 2(3), 46. <https://doi.org/10.51189/rema/1727>
- Maia, N. J. C., da Silva Matos, C., dos Santos, R. M., Piedade, S. F., & de Carvalho, Â. R. (2015). Especificidades do sistema de produção ribeirinho: Um estudo de caso de uma unidade de produção familiar em área de várzea no município de Igarapé Miri, Estado do Pará. *Cadernos de Agroecologia*, 10(3). <https://revista.aba-agroecologia.org.br/cad/article/view/19694>
- Manfio, V., & Pierozan, V. L. (2017). As novas alternativas rurais na quarta colônia, RS, Brasil: Um estudo sobre a agricultura de base agroecológica e a agricultura orgânica. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, 3(9), 175–194. <https://doi.org/10.18764/2446-6549.v3n9p175-194>
- Mello, M. A. de, & Schneider, S. (2013). A produção de “novidades” como alternativa à crise pelos agricultores do oeste de Santa Catarina. *Desafio Online*, 1(3), 1–18. <http://www.desafioonline.com.br/publicações>
- Mendonça, M., & Luz, R. A. (2023). Corredor agroecológico: Manejo de paisagens agrícolas e a conservação da biodiversidade no território de Carajás. *Revista Brasileira de Agroecologia*, 18(4), 244–260. <https://doi.org/10.33240/rba.v18i4.50538>
- Morse, J. M. (2000). Determining sample size. *Qualitative Health Research*, 10(1), 3–5. <https://doi.org/10.1177/104973200129118183>
- Neske, M. Z., Marques, F. C., & Borba, M. F. S. (2014). A emergência da produção de novidades em territórios marginalizados: Uma análise a partir do território Alto Camaquã, Rio Grande do Sul. *Embrapa*. <http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1001574>
- Nonaka, I., & Takeuchi, H. (2008). *Gestão do conhecimento*. Bookman.
- Oliver, D. G., Serovich, J. M., & Mason, T. L. (2005). Constraints and opportunities with interview transcription: Towards reflection in qualitative research. *Social Forces*, 84(2), 1273–1289. <http://dx.doi.org/10.1353/sof.2006.0023>
- Oliveira, D., Gazolla, M., & Schneider, S. (2011). Produzindo novidades na agricultura familiar: Agregação de valor e agroecologia para o desenvolvimento rural. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, 28(1), 17–49. <http://dx.doi.org/10.35977/0104-1096.cct2011.v28.12034>
- Oostindie, H. A., & Van Broekhuizen, R. E. (2008). The dynamics of novelty production. In *Unfolding Webs: The Dynamics of Regional Rural Development* (pp. 68–86). Koninklijke Van Gorcum.
- Organics Brasil. (2016). Mercado de orgânicos cresce o dobro no Brasil. <http://www.organicsnet.com.br/2016/01/mercado-de-organicos-cresce-o-dobro-no-brasil/>
- Plein, C. (2010). Instituições e enraizamento nos mercados da agricultura familiar. *Revista Faz Ciência*, 12(15), 95–118. <https://revistas.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/1234>
- Ploeg, J. D. van der, et al. (2004). On regimes, novelties, niches, and co-production. In J. D. van der Ploeg & J. S. C. Wiskerke (Eds.), *Seeds of Transition: Essays on Novelty Production, Niches and Regimes in Agriculture* (pp. 1–28). Royal Van Gorcum.
- Roep, D., & Wiskerke, J. S. C. (2004). Reflecting on novelty production and niche management in agriculture. In J. S. C. Wiskerke & J. D. van der Ploeg (Eds.), *Seeds of transition: Essays on novelty production, niches and regimes in agriculture* (pp. 341–356). Assen, The Netherlands.

- Rodrigues, M., & Silva, D. C. C. (2019). Revista de Administração e Negócios da Amazônia, 11(4), 65–82. <https://doi.org/10.18361/2176-8366/rara.v11n4p65-82>
- Saath, K. C. D. O., & Fachinello, A. L. (2018). Crescimento da demanda mundial de alimentos e restrições do fator terra no Brasil. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 56(2), 195–212. <https://doi.org/10.1590/1234-56781806-94790560201>
- Safarzyńska, K., Frenken, K., & van den Bergh, J. C. J. M. (2012). Evolutionary theorizing and modeling of sustainability transitions. *Research Policy*, 41(6), 1011–1024. <https://doi.org/10.1016/j.respol.2012.03.012>
- Santos, et al. (2018). Projeto RECA (Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado): Uma referência em sistemas agroflorestais. *Cadernos de Agroecologia*, 13(1). Anais do X Congresso Latino-Americano de Agroecologia. <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/1965>
- Saunders, M., Lewis, P., & Thornhill, A. (2012). *Research Methods for Business Students*. Pearson Education.
- Schneider, S. (2006). Agricultura familiar e desenvolvimento rural endógeno: Elementos teóricos e um estudo de caso. In J. M. Froehlich & V. Diesel (Eds.), *Desenvolvimento Rural - Tendências e debates contemporâneos* (pp. 45–70). Unijui.
- Seufert, V., Ramankutty, N., & Foley, J. (2012). Comparing the yields of organic and conventional agriculture. *Nature*, 485(7397), 229–232. <https://doi.org/10.1038/nature11069>
- Silva, A. T. R., & Dorneles, A. B. (2022). Pedagogias ecológicas e decoloniais em rede: O movimento CSA como comunidade de aprendizagem. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 59. <https://doi.org/10.5380/dma.v59i0.75659>
- Silva, G. B., & Botelho, M. I. V. (2014). O processo histórico da modernização da agricultura no Brasil (1960–1979). *Revista Campo-Território*, 9(17), 362–387. <https://doi.org/10.14393/RCT91723084>
- Simões, A., Pereira, J. S. M., Rosa, C. L. S., & Viana, A. L. N. (2020). A produção de novidades sociotécnicas como reinvenção territorial. In M. Vasconcelos Sobrinho, D. C. Rodrigues, A. M. A. Vasconcelos, & C. P. Nebot (Orgs.), *Inovações sociais e públicas para o desenvolvimento* (pp. 45–70). Unama.
- Souza, P. M., Fornazier, A., Souza, H. M., & Ponciano. (2019). Diferenças regionais de tecnologia na agricultura familiar no Brasil. *RESR*, 57(4), 594–617. <https://dx.doi.org/10.1590/1806-9479.2019.169354>
- Stuiver, M. (2008). *Regime change and storylines: A sociological analysis of manure practices in contemporary Dutch farming* (Doctoral dissertation). Wageningen University. <https://edepot.wur.nl/16320>
- Stuiver, M., Leeuwis, C., & van der Ploeg, J. D. (2004). The power of experience: Farmers' knowledge and sustainable innovations in agriculture. In *Seeds of Transition: Essays on Novelty Production, Niches and Regimes in Agriculture* (pp. 93–118). Van Gorcum.
- Stuiver, M., & Wiskerke, J. S. C. (2004). The VEL and VANLA environmental co-operatives as a niche for sustainable development. In J. D. van der Ploeg & J. S. C. Wiskerke (Eds.), *Seeds of transition: Essays on novelty production, niches and regimes in agriculture* (pp. 119–148). Royal Van Gorcum.
- Suárez, M. V., & Infante, C. M. (2022). Agricultura familiar y sistemas comunales en Santiago del Estero (Argentina): Producir y comercializar en tiempos de pandemia. *Estudios Rurales*, 12(25). <https://doi.org/10.48160/22504001er25.442>
- Taraborelli, P., Carrasco, N., Malaspina, M., Domínguez, M. C., Balaus, A., et al. (2022). Evaluation of agrobiodiversity and its trophic interactions as an indicator of sustainability in productive systems. *Open Journal of Environmental Biology*, 7(1), 006–013. <https://doi.org/10.17352/ojeb.000027>
- Toledo, V. M. (2015). La racionalidad ecológica de la producción campesina. *Universidad Nacional de México*.
- Vasconcelos, M. A. M., Kato, O. R., Bittencourt, P. C. S., Santos, A. V. F. dos, Melo, P. A. de, Melo, K. C. P., Silva, R. L. O. da, Souza, D. P. de, & Soares, R. S. (2024). Fatores de decisão e mudança no uso da terra e perspectiva de transição agroecológica na Amazônia Paraense. *Caderno Pedagógico*, 21(9), e8227. <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n9-278>
- Ventura, F., & Milone, P. (2004). Novelty as redefinition of farm boundaries. In *Seeds of Transition: Essays on Novelty Production, Niches and Regimes in Agriculture* (pp. 57–92). Van Gorcum.
- Wiskerke, J. S. C. (2003). On promising niches and constraining sociotechnical regimes: The case of Dutch wheat and bread. *Environment and Planning A: Economy and Space*, 35(3), 429–448. <https://doi.org/10.1068/a3512>
- Wiskerke, J. S., & Ploeg, J. D. van der (2004). *Seeds of Transition: Essays on Novelty Production, Niches and Regimes in Agriculture*. Royal Van Gorcum.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (2nd ed.). Bookman.

## Autoria

### Verlaine Alves da Cunha Ribeiro \*

Universidade Federal de Rondônia, Programa de Pós Graduação em Administração

Campus José Ribeiro Filho - BR 364, km 9,5 sentido Acre, s/nº, Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas (NUCSA) - Bloco 1K CEP 76801-059, Porto Velho, RO, Brasil

E-mail: verlaineribeiro@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-7243-9747>

### Dércio Bernardes-de-Souza

Universidade Federal de Rondônia, Programa de Pós Graduação em Administração

Campus José Ribeiro Filho - BR 364, km 9,5 sentido Acre, s/nº, Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas (NUCSA) - Bloco 1K CEP 76801-059, Porto Velho, RO, Brasil

E-mail: dercio@unir.br

 <https://orcid.org/0000-0003-1488-8840>

### Maria Clarice Alves da Costa

Universidade Federal de Rondônia, Programa de Pós Graduação em Administração

Campus José Ribeiro Filho - BR 364, km 9,5 sentido Acre, s/nº, Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas (NUCSA) - Bloco 1K CEP 76801-059, Porto Velho, RO, Brasil

E-mail: mariaclaricecosta@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6436-583X>

### Sabrina Sissy Carvalho Correa Alves

Universidade Federal de Rondônia, Programa de Pós Graduação em Administração

Campus José Ribeiro Filho - BR 364, km 9,5 sentido Acre, s/nº, Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas (NUCSA) - Bloco 1K CEP 76801-059, Porto Velho, RO, Brasil

E-mail: sabinassy@hotmail.com

 <https://orcid.org/0009-0001-5386-5943>

\* Autor Correspondente

## Direitos Autorais

Os autores detêm os direitos autorais relativos ao artigo e concederam à RAC o direito de primeira publicação, com a obra simultaneamente licenciada sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

## Verificação de Plágio

A RAC mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, mediante o emprego de ferramentas específicas, e.g.: iThenticate.

## Contribuições dos Autores

**1ª autora:** conceitualização (igual), análise formal (igual), investigação (líder), metodologia (igual), redação - rascunho original (igual).

**2º autor:** conceitualização (igual), análise formal (igual), investigação (igual), redação - revisão e edição (líder), supervisão (líder).

**3ª autora:** conceitualização (apoio), análise formal (apoio), visualização (apoio), redação - revisão e edição (apoio).

**4ª autora:** conceitualização (apoio), análise formal (apoio), visualização (apoio), redação - revisão e edição (apoio).

## Conflito de Interesses

Os autores informaram que não há conflito de interesses.

## Financiamento

Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio recebido na realização da pesquisa.

## Método de Revisão por Pares

Este conteúdo foi avaliado utilizando o processo de revisão por pares duplo-cego (*double-blind peer-review*). A divulgação das informações dos pareceristas constantes na primeira página e do Relatório de Revisão por Pares (*Peer Review Report*) é feita somente após a conclusão do processo avaliativo, e com o consentimento voluntário dos respectivos pareceristas e autores.

## Disponibilidade dos Dados

Os autores afirmam que todos os dados utilizados na pesquisa foram disponibilizados publicamente, e podem ser acessados por meio da plataforma Harvard Dataverse:



Ribeiro, Verlaine Alves da Cunha; Bernardes-de-Souza, Dércio; Costa, Maria Clarice Alves da; Alves, Sabrina Sissy Carvalho Correa, 2025, Replication Data for: "Novelties Production and Contextual Knowledge in the RECA Project in Rondônia - publicado na RAC-Revista de Administração Contemporânea", Harvard Dataverse, V1.

<https://doi.org/10.7910/DVN/P5LQAV>.

A RAC incentiva o compartilhamento de dados mas, por observância a ditames éticos, não demanda a divulgação de qualquer meio de identificação de sujeitos de pesquisa, preservando a privacidade dos sujeitos de pesquisa. A prática de *open data* é viabilizar a reproducibilidade de resultados, e assegurar a irrestrita transparência dos resultados da pesquisa publicada, sem que seja demandada a identidade de sujeitos de pesquisa.